

FALSAS QUESTÕES

Luiz Carlos Bresser-Pereira

Folha de S. Paulo, 16.5.99

Nestas últimas semanas estamos vivendo no mundo das falsas questões, que apenas servem para denegrir pessoas honradas e solapar instituições fundamentais para o país como o Banco Central, ao invés de esclarecer as dúvidas substantivas que possam existir a respeito da decisão da diretoria do Banco Central de socorrer dois pequenos bancos no dia 14 de janeiro. Na semana passada o tema central dos representantes da oposição na CPI dos bancos e o da imprensa era a “descoberta” de que a carta da BMF solicitando intervenção no mercado devido ao risco de uma crise sistêmica havia sido enviada no dia 15, depois da decisão de socorro ter sido tomada. Nesta semana a grande questão está em saber se o Ministro da Fazenda estava ou não a par da operação de salvamento, apesar da insistente negativa do ministro.

Ora, qual a importância dessas questões? Será que ficou demonstrado que a diretoria do Banco Central não agiu em função de uma iminente quebra da BMF, mas por motivos outros, apenas porque a carta, obviamente combinada no dia anterior, só foi enviada no dia seguinte? E se não havia necessidade de intervenção, afinal por que a BMF escreveu a carta?

E por que duvidar de Pedro Malan? Pretende-se que ele seja mentiroso? Um homem público com o passado que ele tem? Sejamos razoáveis! Voltemos ao bom-senso! Mas ao negar que tenha tido conhecimento da operação está Malan se isentando? De forma alguma. A decisão foi de uma diretoria que é sua subordinada. A responsabilidade geral é dele e de todo o governo do qual também faço parte. Ninguém está negando isto.

Essas são falsas questões. O que é substantivo é, primeiro, sabermos se, diante de uma crise aguda como aquela, deveria o Banco Central socorrer os dois bancos ou não. E, segundo, caso entendermos ter sido indevida a decisão, verificarmos se foi ou não fruto de corrupção, resultado do suborno de um informante no Banco Central (que, segunda a revista *Veja*, receberia 500 mil dólares mensais de quatro bancos, um dos quais o Banco Marka).

Em relação à primeira questão parece estar claro para quem conhece o mercado financeiro e examinou com cuidado as declarações dos diretores da BMF e de Demosthenes Madureira Pinho, que uma operação de socorro daqueles dois bancos ou diretamente da BMF era necessária. Havia a ameaça de uma quebra geral, de moratória do país.

Por outro lado, a diretoria do Banco vivia um momento de extrema tensão, procurando sustentar uma banda cambial estreita demais. Talvez com mais tempo ou mais calma pudesse ter havido uma decisão melhor, mas não havia nem tempo nem calma. Não havia tempo para aplicar o Proer. Empréstimo para a BMF e depois cobrar o prejuízo de seus sócios seria uma alternativa muito complicada naquele momento. E o valor do socorro era afinal pequeno em comparação com o risco imenso que a economia do país estava enfrentando.

E quanto à corrupção? Qual a evidência apresentada por quem quer que seja? Nenhuma. Absolutamente nenhuma. Temos a reportagem da *Veja*, mas não é uma evidência – é no máximo um indício. Mas e a carta com o sobrescrito “Se eu faltar”, encontrada na casa de Chico Lopes, como resultado de um vasculhamento solicitado por dois jovens procuradores e aceito por uma juíza igualmente jovem em desrespeito aos direitos humanos mais essenciais do cidadão? E os 1,6 milhão de dólares que existiam desde 1996 no exterior, na conta do ex-sócio de Chico Lopes? Talvez simplesmente não existam, indicando apenas um deslize: a operação de venda da pequena empresa de Chico ocorreu obviamente pela metade, e o bilhete é apenas uma confissão de dívida do meio comprador. Ou talvez existam em função de ganhos anteriores, mas obviamente nada têm a ver com a corrupção do mal informante do senhor Cacciola. Corrupção que, aliás, não poderia logicamente de Chico Lopes, não apenas por o sei ser honrado, mas também porque a eventual corrupção foi de um informante desinformado, e Chico estava bem informado. Corrupção que, para completar, é incompatível com a vida modesta, com o sufoco de fechar as contas no fim do mês, que, conforme informou a *Veja*, continuou a ser a rotina da família de Chico nestes últimos dois anos.

Mas então não existe problema algum? Só temos falsos problemas? Não. Cabe, sim, discutir a operação de salvamento. No mínimo para que o mercado financeiro possa ser melhor regulado, de forma a evitar vulnerabilidade desnecessária, fruto de alavancamentos escandalosos praticados por algumas instituições financeiras. O Banco Central já começou a agir nesse sentido, e deve continuar sua tarefa para proteger, de um lado, o mercado como um todo, e, de outro, os investidores com frequência mal informados pelos gerentes de fundos. Além disso é necessário continuar a investigar a denúncia de corrupção da *Veja*. Talvez exista alguém no segundo escalão do Banco Central que informava Cacciola, embora o mais provável seja que não exista, já que nenhuma evidência foi até agora encontrada. Nesse caso Cacciola teria inventado o informante traidor e os 500 mil dólares para se justificar perante os investidores nos

fundos por ele administrados. Mas pelo sim e pelo não, é preciso investigar até o fim, inclusive porque, assim, um homem honrado poderá afinal ser reabilitado.

Mas e a recusa de Chico Lopes de falar na CPI? Não foi uma confissão de culpa? De forma alguma. Foi um erro de um homem que sempre orientou sua vida pelo interesse público, mas que sei ser frágil, não sabendo enfrentar com as armas necessárias este mundo às vezes tão cruel. Provalvemente por isso aceitou conselhos dos seus advogados que não precisava aceitar. Não há dúvida que ele estava sendo tratado como réu e não como testemunha. Mas isto não deveria tê-lo impedido de depor.

Em síntese, precisamos tirar lições deste episódio tão triste. Uma delas é a de que busquemos as questões essenciais, ao invés de de nos perdermos em falsas questões que apenas mascaram os verdadeiros problemas do país. E que respeitemos aqueles que merecem ser respeitados, porque assim garantiremos um bem essencial: o respeito a nós mesmos.